



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MICHEL SOUSA RODRIGUES

**O MAL-ESTAR E AS RELAÇÕES VIRTUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL:
UM DIÁLOGO ENTRE FREUD E BAUMAN**

**MIRACEMA DO TOCANTINS, TO
2022**

Michel Sousa Rodrigues

**O mal-estar e as relações virtuais no contexto educacional: um diálogo entre
Freud e Bauman**

Monografia apresentada à UFT Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Miracema, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientação: Professora Dra. Jamile Luz Morais Monteiro.

Miracema do Tocantins, TO

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do
Tocantins**

M623m Rodrigues, Michel Sousa.
O mal-estar e as relações virtuais no contexto educacional: um diálogo entre Freud e Bauman. / Michel Sousa Rodrigues. – Miracema, TO, 2022.
41 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2022.
Orientadora : Jamile Luz Morais Monteiro

1. Mal-estar. 2. Pandemia. 3. Contexto Educacional. 4. Relações Virtuais. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MICHEL SOUSA RODRIGUES

O MAL-ESTAR E AS RELAÇÕES VIRTUAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL: UM
DIÁLOGO ENTRE FREUD E BAUMAN

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia, foi avaliada para obtenção do título de Psicólogo e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação: 14/12/2022

Banca examinadora:

Profa. Dra. Jamile Luz Morais Monteiro - Orientadora, UFT.

Prof. Dr. Eloy San Carlo Máximo Sampaio - Examinador, UFT.

Profa. Dra. Gláucia Mitsuko Ataka da Rocha - Examinadora, UFT.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, a minha mãe por seu afeto, cuidado, apoio e por ser uma inspiração na minha vida; por me ensinar como enfrentar as minhas dificuldades e a valorizar meu tempo e futuro.

Sou grato à minha orientadora, a Profa. Dra. Jamile que durante meses me acompanhou e me orientou não somente na construção desse projeto como em meu percurso acadêmico, sempre de forma paciente e transmitindo de forma generosa seu conhecimento.

Sou grato a meus colegas de turma, e em especial meus amigos: Amanda, Francielly, Daniel, Ingrid e Wysney. Esses os quais construí um laço duradouro durante todo esse processo e que incentivaram sempre a buscar mais, participar mais e a juntos construir um caminho que ao trilhá-lo compartilhássemos nossos afetos, sofrimentos, perdas, realizações e felicidades de modo saudável.

Por fim agradeço a todos que de certa forma contribuíram para que eu chegasse onde estou hoje, em especial professores do meu curso que do início ao fim compartilharam seus ensinamentos e vivências preciosas, que sempre levarei comigo em minha prática profissional. Excepcionalmente cito: o Prof. Dr. José Fernando, Profa. Dra. Jamile Luz e a Profa. Dra. Gláucia Rocha, que deixaram suas marcas e afetaram de forma positiva o meu percurso durante o processo de graduação, obrigado.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar os efeitos das relações virtuais entre docente e discente no contexto educacional, a considerar especificamente a intensificação dessa virtualização em função da pandemia da Covid-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de cunho bibliográfico. O estudo propôs um diálogo entre as teorizações de Bauman sobre a sociedade líquida e o conceito freudiano de mal-estar, mas também buscou trazer autores contemporâneos, com trabalhos relacionados ao contexto pandêmico da Covid-19, o vínculo entre discente e docente, o processo de ensino em modelo remoto, o mal-estar na atualidade e a virtualização e seus efeitos. Observou-se que o mal-estar gerado pela intensificação das relações virtuais e do mundo líquido, na educação, produziu implicações no laço social entre professor e aluno, as quais atravessam especialmente a relação transferencial, que se expressa por meio de um vínculo mais frágil, diluído pelos aplicativos de reuniões, salas de aula virtuais, onde, por exemplo, a figura do professor acaba sendo substituída pela tela do computador e, os alunos, por sua vez, são restringidos a “quadradinhos” que lhes são destinados nessas salas.

Palavras-chave: Mal-estar. Relações virtuais. Contexto educacional. Pandemia.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the effects of virtual relationships between professors and students in the educational context, specifically considering the intensification of this virtualization due to the Covid-19 pandemic. This is a qualitative, exploratory and bibliographical research. The study proposed a dialogue between Bauman's theorizations about liquid society and the Freudian concept of discontent, but also sought to bring contemporary authors, with works related to the pandemic context of Covid-19, the bond between student and teacher, the teaching process in a remote model, the current discontent and virtualization and its effects. It was observed that the discontent generated by the intensification of virtual relationships and the liquid world, in education, produced implications in the social bond between teacher and student, which especially cross the transference relationship, which is expressed through a more fragile bond, diluted by meeting applications, virtual classrooms, where, for example, the figure of the teacher ends up being replaced by the computer screen and, in turn, students are restricted to "little squares" that are intended for them in these rooms.

Keywords: Discontent. Virtual relationships. Educational context. Pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	O advento da internet e o mal-estar no cenário educacional.....	10
1.2	A sociedade líquida.....	13
2	OBJETIVOS.....	17
2.1	Objetivo Geral.....	17
2.2	Objetivos Específicos:	17
3	JUSTIFICATIVA.....	18
4	METODOLOGIA	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
5.1	As relações virtuais no contexto da sociedade líquida	22
5.2	O mal-estar a partir de Freud.....	28
5.3	Os efeitos das relações virtuais na relação docente e discente.....	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo investigar o mal-estar no mundo virtual no contexto das relações no âmbito educacional, especificamente as relações que envolvem o (a) docente e o (a) discente, estabelecendo interlocução entre as teorias freudianas e de Bauman. Para tanto, faz-se necessário uma breve incursão em torno do objeto de nossa pesquisa: o mal-estar. Essa noção é elaborada por Sigmund Freud em seu trabalho intitulado “O mal-estar na Civilização”, publicado no início do século XX.

Nesta obra, o autor apresenta uma análise histórica sobre a fundação da civilização e da cultura humana, reconhecendo-as como uma estrutura que tem como objetivo a proteção dos homens das forças da natureza, a partir do compartilhamento, nesta civilização, de mecanismos e ferramentas que aumentam a potência dos sujeitos. Para Freud (1930/1996), um alto nível de civilização pode ser indicado pela potência que os homens têm para lidar com as mais diversas situações que se apresentam:

[...] Os rios que ameaçam inundar as terras são regulados em seu fluxo, e sua água é irrigada através de canais para lugares onde ela é escassa. O solo é cuidadosamente cultivado e plantado com a vegetação apropriada, e a riqueza mineral subterrânea é assiduamente trazida à superfície e modelada em implementos e utensílios indispensáveis. (FREUD, 1930/1996, p. 60).

Do mesmo modo, pode-se dizer que o avanço científico e tecnológico proporcionado pela vida em civilização é considerado como mais um indicador da potência humana para enfrentar as contingências impostas pelo meio. Freud (1930/1996) também aponta à valorização da beleza e das atividades mentais, sejam elas científicas, artísticas ou intelectuais, como características importantes do avanço da civilização. No entanto, outro ponto de principal destaque com relação à civilização é o mal-estar no relacionamento entre os sujeitos, no sentido de como eles afetam o próximo e são regulados em sociedade. Freud questiona como o mal-estar é apresentado e construído na cultura, considerando os ideais nos quais os sujeitos serão comparados em contato com os outros que também vivem em sociedade (FREUD, 1930/1996).

A cultura e a civilização humana, de acordo com a análise de Freud, vem desde seu primórdio se estruturando de forma que, para se preservar, deve sempre haver a

repressão da expressão do que conceitua como a pulsão de morte (FREUD, 1930/1996). Essa pulsão se apresenta principalmente como pulsão de destruição e agressividade intrínseca à humanidade. Desta maneira, para que a civilização dos homens possa prosseguir existindo, essa pulsão deve ser reprimida. Por outro lado, a repressão dessas pulsões traz consigo consequências e uma delas é o sentimento de mal-estar.

Para o fundador da psicanálise, o mal-estar é um efeito ocasionado a partir da integração dos seres humanos em forma de sociedade, onde os sujeitos devem se manter em combate e ambiguidade entre a restrição de suas pulsões e a satisfação destas. Essa tensão gera o mal-estar, já que para que possam viver em sociedade, os sujeitos não podem agir e satisfazer todos seus desejos e pulsões mais primordiais. Se isto acontecesse, geraria a quebra do laço que a cultura impõe sobre os homens e a vida em comunidade se tornaria impossível de conciliar, já que a expressão da pulsão, de modo irrestrito, pode se apresentar de maneira violenta sobre os outros seres humanos (FREUD, 1930/1996).

Conceituado em 1929 após o desenvolvimento da segunda tópica psicanalítica, Freud apresenta o mal-estar como um dos sentimentos fortalecidos principalmente pela instância do Supereu¹, instância psíquica onde são assimilados os ideais presentes na cultura a qual o sujeito vivencia. O Supereu é por Freud (1930/1996) caracterizado como a internalização e introjeção da agressividade que o ser humano possui. Como esta força de destruição não pode ser expressa ao mundo exterior, ela é direcionada então ao próprio Eu, como uma parte opositora a essa agressividade, reforçando, de forma rude e direta, os ideais culturais assimilados.

O mal-estar é pela instância do Supereu intensificado de modo a tornar a expressão da pulsão e a efetivação do desejo dos sujeitos cada vez mais restritos, por exemplo, quando há a presença de desejos intimamente ligados à pulsão de morte, o sujeito logo sente culpa, mesmo que não tenha agido para a satisfação destes. Isto é evidenciado por Freud:

A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição. A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de

¹ Adotamos a terminologia “Isso, Eu e Supereu” ao invés de “Id, Ego e Superego”, expressões usadas pela tradução das obras completas de Freud pela Imago, no caso de referências indiretas ao autor. As expressões “Id, Ego e Superego” serão mantidas no caso de citações literais. Na mesma lógica cabe a palavra “instinto” tal como é traduzida pela Imago. No lugar de instinto, usar-se-á “pulsão”, no caso de referências indiretas ao autor, seguindo a tradução direta do alemão.

agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada. (FREUD, 1930/1996, p. 77).

Freud (1930/1996) observou que a pulsão de morte e as modalidades de violência do homem sobre os outros homens e o mundo foram representadas pelas mudanças na sociedade do século XX, marcadas pelo panorama da grande guerra (referida atualmente como a primeira guerra mundial) e a consequente utilização de tecnologias avançadas para a criação de armas cada vez mais letais, como bombas, armas de fogo, sem contar a rapidez da travessia de distâncias enormes com o advento de máquinas, como os aviões e navios. Freud em seu trabalho afirma:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. (FREUD, 1930/1996, p. 92)

Ao passar das décadas e com a chegada de um novo século, o espaço tecnológico mundial foi se ampliando cada vez mais na vida dos seres humanos e tomando espaço em, possivelmente, todas as áreas presentes na sociedade. Atualmente, no século XXI, essa expansão da ciência e tecnologia pode ser observada bem especificamente com o advento da internet.

A conectividade trazida pela internet foi de uma dimensão surpreendente. Macroscopicamente, tudo se tornou mais rápido, o contato imediato com o outro, independente da distância, possibilitou com que a civilização avançasse a todo vapor. Processos que antes levavam horas ou meses, tornaram-se corriqueiros e a presença da internet em nossa sociedade proporcionou o surgimento de novos papéis sociais, assim como a valorização de outros, emergindo novas formas de expressão da identidade e de existência, assim como mudanças no laço social e das relações interpessoais. (LEVY; MONTEIRO, 2019).

Os dispositivos eletrônicos se tornaram, para aqueles que estão imersos na constante presença do virtual, um órgão essencial. Podendo ser comparado de forma análoga aos *olhos* que permitem o contato com o mundo exterior na forma de imagens e cores. Os celulares e outros dispositivos semelhantes possibilitaram, a partir de seu uso, ampliação do espaço, do contato com um mundo virtual e com seus mais diversos aspectos, incluindo ideais culturais acerca do mesmo (KALLAS, 2016).

Entretanto, essa rapidez, em pouco tempo, tornou-se um ritmo frenético e a possibilidade de estar conectado passou a ser uma necessidade, onde aquele que não tem a capacidade ou o desejo de se ligar ao espaço virtual, perde contato com uma parte muito grande das possibilidades que essa tecnologia oferece atualmente. Isto nos leva ao contexto atual, com toda essa presença de tecnologia na vida diária dos sujeitos, o que indica que, apesar das semelhanças, há uma grande diferença em nossa sociedade, particularmente da civilização que Freud viveu no século XX.

1.1 O advento da internet e o mal-estar no cenário educacional

A necessidade de estar conectado a todo momento, seja para o lazer, para o trabalho ou para lidar com questões que aparecem no cotidiano, leva cada vez mais à integração da internet à vida das pessoas. Isso torna esses dispositivos um intermédio por onde os sujeitos se conectam não só com a extensão virtual do mundo, mas com todo seu espaço de convivência, devendo estar sempre com o celular à mão para não se sentir desconectado do mundo. Contudo, essa forma de viver paga o seu preço, na medida em que acarreta também a angústia e o mal-estar (KALLAS, 2016).

Atualmente, há mais de 12 anos após o lançamento comercial dos primeiros aparelhos *smarthphone IOS e Android*, de acordo com o levantamento do panorama setorial da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) datado de julho de 2021, há mais de 246,8 milhões de dispositivos celulares ativos. Sendo assim, existem atualmente mais telefones celulares ativos do que habitantes presentes no território brasileiro.

O interesse pela temática do mal-estar nas relações virtuais surgiu a partir da observação do contexto no qual estou inserido em que a presença cada vez mais crescente da internet no dia-a-dia das pessoas tem uma certa influência sobre elas, seja nas relações interpessoais, ou na relação dos sujeitos consigo mesmos. A internet e as redes sociais podem ser consideradas como um fator de grande influência em nossa civilização, estruturando-se de forma a trazer maior amplitude a tudo, e fomentando a participação e o desejo dos sujeitos de adquirir sempre mais, seja seguidores, amigos, *likes*. Esse fato, por sua vez, traz uma ilusão da aproximação com o outro, possibilitando o contato, a conexão, do modo mais distante que seja, até mesmo de modo anônimo, em um espaço onde tudo pode ser quantificado e analisado, deletado, copiado, popularizado. Verifica-se, assim, que o mundo passa a

estar cada vez mais mediado pela virtualização, onde o relacionamento com os outros passa a ser agenciado pela internet.

No panorama do contexto educacional, especialmente em tempos de pandemia, observa-se que a internet, ao mesmo tempo em que possibilitou que o ensino continuasse no formato remoto, também trouxe consigo um mal-estar nas relações, principalmente na relação entre o(a) docente e o(a) discente.

A conciliação e adaptação entre a identidade discente e docente, que pode ter sido estabelecida pelo contato com a instituição, seu espaço físico, e a relação presencial entre seus pares; passa, especialmente em função da pandemia da Covid-19, por uma necessidade de adaptação, vinculada ao o campo da relação virtual, onde essa se torna, de forma adaptativa, o modo primário de contato entre o discente, o docente e a vida no contexto educacional (PACHIEGA; MILANI, 2020).

Esta relação, agora interposta pela presença da virtualização, é permeada por potencialidades e limitações, sendo necessário analisar como esta nova relação impõe ou deixa de impor certos aspectos, possibilita ou inviabiliza outros. Esses sujeitos devem buscar, portanto, adaptar-se a uma nova rotina, tendo que incorporar a tecnologia em suas atividades, e fazer as adaptações necessárias para que haja a continuação do ensino e aprendizagem. Sobre a necessidade de adaptação presente em uma sociedade em contexto pandêmico e o mal-estar teorizado por Freud, Pachiega e Milani destacam que:

Para o psicanalista, o termo “mal-estar na civilização” refere-se às condições necessárias à construção e manutenção do processo civilizatório, pois exige que os sujeitos abram mão da satisfação pessoal pelo bem-estar comum, o que traz desconforto e dor. [...] No que diz respeito ao momento atual da prática docente, o mal-estar docente é inteiramente ligado às novas formas de relações da prática pedagógica, à identidade docente e às novas demandas do mundo externo que não estão sob o controle de professores e alunos [...]. (PACHIEGA; MILANI, 2020, p .3).

O mal-estar, no contexto educacional, é estabelecido pela presença de fatores que demandam ao sujeito o sacrifício da forma como estava estabelecida sua relação com o processo de ensino e aprendizado, bem como às atuais condições necessárias à continuação e manutenção desse processo, que se torna então mediado pela virtualização.

Então, dessa perspectiva, tem-se um contraponto entre a questão do desejo e as práticas docentes na pandemia. Por um lado, os professores tiveram que aprender a lidar com tecnologias, aplicativos e ferramentas antes não utilizados em sala de aula e, dessa forma, muitos professores demonstraram,

pela força vital de aprendizagem e reinvenção, o impulsionamento para o novo. Por outro lado, temos as questões do desejo que foram vivenciadas pelas interdições, castrações e pela repressão impostas, que podem ser relacionadas à falta da liberdade, do ir e vir, e à falta do espaço escolar, da convivência presencial com alunos e suas respectivas famílias. (PACHIEGA; MILANI, 2020, p.9).

Por outro lado, é relevante delinear o que chamamos de virtualização. Não podemos compreender o virtual como uma simples oposição ao que é real. Entendemos o virtual como apresentado por Lévy (1996), como um modo de ser fecundo e poderoso, com a abertura para futuros e processos de criação mais diversos. O virtual, para Lévy (1996), não é de oposição ao real, mas de potencialidade futura, onde há a presença da potência e da atualização do potencial, não somente no ato e no real, este podendo ser caracterizado como: “a árvore está virtualmente presente na semente.” (LÉVY, 1996, p.5). Deste modo, o virtual se contrapõe não ao real, mas sim com o atual e a atualidade, o virtual é uma potência existente, mas “não está presente” (LÉVY, 1996, p. 8).

Claro que é possível atribuir um endereço a um arquivo digital. Mas, nessa era de informações online, esse endereço seria de qualquer modo transitório e de pouca importância. Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Somente estes acontecimentos são verdadeiramente situados. Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui um lugar. (LÉVY, 1996 p. 8).

A virtualização, é caracterizada por Lévy (1996) como uma “elevação à potência”, e como um dos principais vetores da criação de realidade. A virtualização, para ele, aumenta os graus de liberdade, fluidificando distinções instituídas, onde a potência não se pauta em uma solução estável, mas em uma constante não específica. Sobre a virtualização Lévy expressa:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. [...] A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. (LÉVY, 1996, p. 9)

Neste sentido, entende-se a virtualização como um fato que aponta para uma desterritorialização, algo que não possui uma unidade de lugar. A internet, ao produzir essa desterritorialização, promove uma telepresença, pautada em uma interconexão que substitui a presença física. Embora o posicionamento de Lévy (1996) traga à tona um aspecto positivo da virtualização, o que buscamos com esse trabalho é apontar o mal-estar que o virtual produz quando associado ao discurso capitalista, neoliberal, pragmático e produtivista, ou seja, os efeitos dessa desterritorialização, os quais guardam valências benéficas, mas também negativas no que tange à vida psíquica dos sujeitos na relação o outro.

1.2 A sociedade líquida

Para discutir o sujeito na sua relação com os outros, isto é, no laço social, recorreremos às teorias de Bauman, que de acordo com Franca (2018), utiliza do termo “liquidez” para caracterizar a cultura da sociedade contemporânea com a presença de perceptível fluidez, instabilidade e incertezas, tanto como a fragilização dos laços humanos. Com relação a vida dos sujeitos em civilização, Franca expressa que:

Como é citado por Freud e corroborado por Bauman, o indivíduo moderno se vê em uma constante entre o princípio de prazer e o de princípio de realidade. A vida “civilizada” é cerceada pela compulsão, regulação, supressão ou renúncia forçada, onde Freud e Bauman afirmam que são resultantes de “excesso de ordem”. (FRANCA, 2018, p. 28)

As relações presentes no espaço contemporâneo se estabelecem de forma diferente, havendo a presença atual de mecanismos que permitem uma gama enorme de possibilidades, onde a “ordem” das coisas se tornam cada vez mais difíceis de se estabelecerem. Isso se faz presente nas relações aparelhadas pela virtualização, nas relações virtuais que os seres humanos estabelecem com seu espaço, contexto e com os outros. Considerando Bauman, estas relações se tornam cerceadas por uma fluidez e instantaneidade difíceis de serem compreendidas em seu total escopo:

[...] Bauman frisa que em diferentes épocas e situações sociais, algumas fronteiras são mais vistas que outras, portanto, em nossa época pós-moderna as fronteiras que são mais fortemente desejadas e mais despercebidas são a de uma justa e segura posição na sociedade em que as pessoas possam planejar sua vida com um mínimo sem que as regras mudem da noite para o dia (FRANCA, 2018, p. 31)

A presença da fluidez nos processos que ocorrem em um sociedade líquida caracterizada pela rapidez, proporciona a possibilidade de mudança na forma como estrutura as relações, uma destas é a partir da virtualização, impulsionada pela necessidade adaptativa apresentada pelo surgimento de um contexto pandêmico.

Com relação a presença destas mudanças no espaço relacional discente e docente, a mediação das relações educacionais a partir de parâmetros e mecanismos virtuais, Pachiega e Milani expressam que:

Diante disso, torna-se urgente pensar e repensar as formas de ensino e aprendizagem – presencial, híbrida ou remota – para que docentes e alunos não venham a intensificar, de maneira negativa, as questões de saúde mental e mal-estar. (PACHIEGA; MILANI, 2020, p .3)

Em relação à interlocução entre a teoria do mal-estar pensada por Freud e as proposições de Bauman com relação ao mal-estar na pós-modernidade, Franca (2018 p. 35), destaca que nesta época o mal-estar ainda se apresenta, que a incompatibilidade ainda se faz presente e ocupa espaço quando os sujeitos se encontram em contato com o coletivo e a sua comunidade, com a cultura e civilização de seu tempo.

Para Franca a temporalidade atual da contemporaneidade possui características específicas que se diferem de aspectos presentes na modernidade. Sobre isto destaca:

Todavia, o mal-estar contemporâneo abrange outras especificidades em relação à sociedade sólida. Pois, na sociedade moderna, a característica fundamental era a regulação de vínculos entre as pessoas, o que exigia um sacrifício às suas pulsões ou instintos sexuais, ou seja, prevalecia um total sacrifício à liberdade, de acordo com Freud. Cabe reiterar que não poderia existir civilização com a predominância de uma liberdade individual, todavia com sua restrição possibilitou aos homens viverem em comunidades ou em grupos. Já na pós-modernidade ou modernidade líquida se caracteriza pela desregulamentação, descentralização, também pela individualização, dentre outras características, e, tem o intuito de agregar a limpeza e a ordem com a busca de prazer, intensificando a liberdade individual. (FRANCA, 2018 p. 36)

Foi no início do século XX que Freud (1930/1996) fez sua análise e conceituação do mal-estar, período este que o homem teve de lidar com desafios e questões essenciais e únicas de sua época, como a busca por direitos fundamentais e invioláveis, os horrores e a devastação trazidos por duas guerras mundiais e epidemias como a da Gripe Espanhola. Na contemporaneidade, o homem tem que

lidar com a virtualização e as relações virtuais que se intensificaram com a pandemia provocada pela covid-19.

A partir de 2020, o mundo também passa por uma crise, trata-se da pandemia de COVID-19 (SARS-CoV 2 - Sepa 2019), que se iniciou de forma acentuada em Wuhan na China em dezembro de 2019, tendo o primeiro caso identificado, no Brasil, no final de fevereiro de 2020. A proliferação do vírus pelo mundo fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarasse a situação de calamidade pública e pandemia, exigindo das autoridades todo um esforço, especialmente das instâncias e sistemas de saúde pública e coletiva, a fim de conter a disseminação dos vírus, que já causou mais de 500 mil mortes no Brasil e no mundo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021)

Houve, em 2020, no Brasil e em diversos países do mundo, o estabelecimento do distanciamento social, utilização de máscaras e quarentenas. Com o advento dessas medidas de contenção houve, conseqüentemente, um grande impacto na rotina dos sujeitos e na sociedade como um todo. O exercício de atividades sociais e econômicas e a forma como estas eram realizadas sofreram adaptações para que pudessem prosseguir, mesmo com a presença de uma pandemia global.

A internet foi uma grande aliada para essa adaptação, possibilitando a continuação, por meio remoto, de atividades que acarretaria um maior risco de contágio pelo vírus, caso ocorressem de modo presencial. Além disso, a internet e as atividades remotas passaram a ser uma alternativa ao contato com o outro. Isso, por conseguinte, impulsionou ainda mais o espaço que a internet possui em nossa sociedade.

Nisto cabe o questionamento sobre como o mal-estar se apresenta em todo este contexto de mudanças. Ou seja, faz-se necessário compreender como isso afeta os sujeitos nas suas relações sociais/virtuais, a considerar que houve uma intensificação do espaço social da virtualização. Isto posto, surge o seguinte problema de pesquisa: considerando especificamente a relação entre o (a) docente e o(a) discente no contexto educacional, como conceber o mal-estar na era da virtualização e do ensino remoto a partir de um diálogo entre Freud e Bauman?

É mister salientar que não é nossa intenção estabelecer uma relação maniqueísta entre o uso da internet e o mal-estar, como se fosse uma simples relação causa-efeito. O objetivo deste estudo é entender como o mal-estar, a partir do que nos traz Freud (1930/1996), apresenta-se na contemporaneidade partindo do enquadre da

pandemia e da intensificação do uso das redes virtuais, no contexto educacional, pelo viés da relação docente e discente.

Assim, o referido projeto ancora-se em uma “psicanálise extramuros ou em extensão” (ROSA, 2004, p. 329) e se refere a uma abordagem de conceber as questões relacionadas à teoria e prática psicanalíticas que levem em conta o sujeito “enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico” (p. 329). Este projeto pauta-se, portanto, nas derivações que as mudanças sociais produzem no sujeito e nas subjetividades, a partir da psicanálise.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral: Investigar como ocorre o mal-estar nas relações virtuais, no contexto educacional, entre docentes e discentes a partir de Freud e Bauman.

2.2 Objetivos Específicos:

- Compreender como as relações virtuais intensificam as “relações líquidas” a partir da teoria de Bauman;
- Averiguar como as relações virtuais, no contexto pandêmico, relacionam-se com o sentimento de mal-estar dos sujeitos.
- Discutir a partir de Freud, como o mal-estar se apresenta nas relações virtuais.
- Identificar como as mudanças sociais trazidas pela virtualização se relacionam com o mal-estar, possibilitando uma reflexão sobre as consequências na relação docente e discente no contexto educacional.

3 JUSTIFICATIVA

Justifica-se a relevância deste trabalho pelo grande espaço que a tecnologia e o virtual tem atualmente na cultura e na vida dos sujeitos e pelo o fato do mal-estar se relacionar ao sofrimento do sujeito em sociedade, o que torna a sua investigação importante para o campo psicanalítico e também para a profissão da psicologia.

Compreender o mal-estar na era da virtualização é uma tarefa de grande relevância na contemporaneidade, considerando especialmente o contexto pandêmico, na medida em que o profissional de psicologia deve acompanhar as questões emergentes de seu tempo, visando a melhor assistência e escuta ao sujeito em sofrimento, bem como a atualização dos conhecimentos desse profissional. Este estudo vai na direção do código de ética da profissão estabelecido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005), particularmente em relação aos seus princípios fundamentais III e IV:

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural [...] IV. O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática (CFP, 2005, p. 7).

A psicologia como profissão, tem dentro de seu escopo de pesquisa e atuação, questões que perpassam a vida dos sujeitos, dentre elas está a saúde mental e o sofrimento. Relacionado a isso está o contexto da pandemia da covid-19, que trouxe consigo estressores que podem agravar questões relacionadas ao sofrimento psíquico dos sujeitos, Faro et. al destaca que:

Quanto à saúde mental, é importante dizer que as sequelas de uma pandemia são maiores do que o número de mortes. Os sistemas de saúde dos países entram em colapso, os profissionais de saúde ficam exaustos com as longas horas de trabalho e, além disso, o método de controle mais efetivo da doença, que é o distanciamento social, impacta consideravelmente a saúde mental da população. (FARO et. al, 2020, p. 3)

O impacto que os mais de 20 milhões de casos confirmados e os mais de 600 mil óbitos relatados pelo Ministério da Saúde (2021), na sociedade brasileira como um todo, pode ser caracterizado como imensurável. É necessário que a psicologia acompanhe o contexto, buscando se elevar a situação de modo a dar uma resposta à altura da gravidade com que essa requer.

Sendo assim, na direção de acompanhar o contexto e produzir saber sobre as relações humanas, da forma como elas aparecem, esta pesquisa aparece para contribuir no sentido de pensar sobre como a intensificação das relações virtuais entre docente e discente podem acarretar prejuízos no laço social, visando lidar futuramente com eventos e crises semelhantes à conjuntura atual, como a pandemia. Além disso, é importante ressaltar que este estudo visa contribuir com a clínica psicanalítica, uma vez que é fundamental entender os efeitos a estruturação do laço social na vida psíquica dos sujeitos, entendendo que toda psicologia individual, é também uma psicologia social (FREUD, 1921/1996).

4 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. De acordo com Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, opondo-se ao pressuposto que defende um modelo único e geral de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm suas especificidades, o que pressupõe uma metodologia própria, tentando compreender a totalidade dos fenômenos.

No que tange à pesquisa exploratória, esta pesquisa tem como objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema em questão, considerando a possibilidade de construir hipóteses e trazer mais visibilidade às questões relacionadas ao tema da pesquisa. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009)

No âmbito da pesquisa qualitativa, utilizar-se-á o método bibliográfico, que se caracteriza pela finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, investigando cientificamente obras já publicadas. Sousa, Oliveira e Alves expressam que:

A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. (SOUSA, OLIVEIRA E ALVES, 2021, p. 3).

Tendo como foco a construção dessa pesquisa pela aproximação da psicanálise, é importante considerar suas fundamentações, o processo de investigação psicanalítica e suas especificidades. A psicanálise como destaca Rvasio (2016) foi por Freud alicerçada a partir da análise e da valorização da escuta, assim como a estruturação do campo teórico e de pesquisa atrelado à investigação do inconsciente, seja por meio de casos clínicos ou da análise da conjuntura social e histórica do homem e o viver em sociedade.

Tavares e Hashimoto (2013) advertem que embora o paradigma da pesquisa em psicanálise esteja pautado ao método clínico e ao estudo de caso, referem o trabalho de Herrmann (2004) que falou da “clínica extensa” ou “da clínica em extensão” para falar de pesquisa que visam estudar a cultura, a sociedade, o trabalho, instituições, enfim, os múltiplos campos em que habita o humano e que então se faz

possível uma compreensão psicanalítica” (p. 170). Com relação à pesquisa teórica em psicanálise, afirmam que:

Por outro lado, não devemos esquecer que ainda que a Psicanálise seja fruto de uma práxis propriamente dita, Freud dedicou-se exaustivamente na elaboração de sua chamada metapsicologia, ou seja, a construção de um arcabouço teórico que fosse capaz de dar sustentação e base para as ocorrências passíveis de serem vivenciadas na clínica. A metapsicologia freudiana situa-se num para além de toda e qualquer observação possível, tratando-se então necessariamente de um arcabouço teórico que versa como uma “produção de sentido”, de forma que sua função seja a de subsidiar a sustentação e reflexão acerca dela mesma (a própria teoria). Percebemos então, nestes casos, que estamos adentrando num campo onde a investigação psicanalítica necessariamente se forja de maneira outra que as pesquisas clínicas (estudos de casos), ainda que tenha em seu pressuposto o saber fundamentalmente clínico (TAVARES; HASHIMOTO, 2013, p. 170).

Partindo da pesquisa teórica no campo da psicanálise, o ponto de partida é compreender o conceito de mal-estar. Procuramos entender as bases teóricas que Freud empreendeu na construção deste conceito, a fim de que possamos discutir como esse mal-estar se apresenta nas relações virtuais, dialogando com a noção de sociedade líquida, de Bauman.

Os resultados e as discussões deste estudo estão apresentados em formato de capítulos, da seguinte maneira: no capítulo I, abordamos as relações virtuais presente em um contexto descrito por Bauman (2007) como sociedade líquida. Já no capítulo II, discutimos o conceito de mal-estar conceituado por Freud (1930/1996) e,, por fim, no capítulo III é discutido sobre as relações virtuais no cenário educacional e seus efeitos sobre discentes e docentes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tal como colocado na metodologia, apresentamos os resultados e a discussão deste estudo através dos capítulos a seguir.

5.1 As relações virtuais no contexto da sociedade líquida

O sociólogo Bauman em seus estudos e ensaios presentes em suas obras como “Vida Líquida” (2005) e “Modernidade Líquida” (2001), faz uma análise de aspectos sociológicos e históricos acerca das mudanças que perpassam a vivência humana na contemporaneidade. Em suas obras, Bauman utiliza de conceitos chave que demarcam e expressam essas mudanças que analisa e expõe, um deles é o da solidez e liquidez, mais especificamente se referindo à modernidade, expressando assim em seu trabalho referências à modernidade sólida, modernidade líquida, pós-modernidade e mundo líquido.

A escolha de Bauman por estes conceitos é apresentada pela forma como analisa o modelo social de cada uma destas “modernidades”. Elas se caracterizam de modos diferentes, onde na modernidade sólida a perspectiva predominante no modelo social vigente era de que mesmo que houvessem mudanças, estas ocorriam de forma lenta e eram expressas de modo substitutivo em sua essência. Os laços sociais na sociedade moderna deveriam se solidificar, os bens materiais deveriam durar, lançando-se sobre a virtude da permanência, da durabilidade, da certeza e solidez.

A modernidade sólida expressa por Bauman, tem para Porfírio Filho (2019, p. 41) os seguintes aspectos: um Estado bem definido em sua relação com os sujeitos, a heterogeneidade nos papéis familiares e identitários socialmente são mais rígidos, sendo estes mais pré-definidos. Os compromissos, se estabelecidos, eram de longo prazo, as instituições se colocavam como um marco sólido com sua presença. Todo este conjunto caracteriza a solidez presente na modernidade e que transmitiam para os seres humanos a sensação de segurança e controle sobre a natureza e sobre o mundo.

No entanto, essa segurança e controle não se estabelece sem contrapontos, Bauman analisa em suas obras questões ligadas ao medo, exclusão e insegurança, para que esta sensação de controle se estabeleça, Bauman expressa que os alicerces sociais presentes na modernidade entram em conflito com a liberdade. Ao ponto que

onde a liberdade se torna cada vez mais presente de modo mais amplo na sociedade, também se faz presente a insegurança, onde para se ter liberdade é necessário deixar-se livre os mais diferentes aspectos que antes se encontravam sólidos e estabelecidos. É esta insegurança para Bauman que caracteriza a contemporaneidade, ou a modernidade líquida (BAUMAN, 2001)

Em relação a presença desta insegurança e medo descritos nas obras de Bauman sobre a modernidade líquida, Porfírio Filho discorre que:

A vida líquida transcorre em uma realidade que se encontra com o presente em suspenso, refém de um passado que parece não servir mais e um futuro que ainda não revelou ou consolidou seus elementos. As rápidas mudanças no funcionamento das instituições estruturais da sociedade - sejam elas familiares, religiosas, políticas, econômicas, entre outras - junto com a perda da importância das tradições - bússolas que serviam de orientação para os caminhantes da modernidade sólida - abrem espaço para o surgimento de inúmeros sendeiros que desnorream os integrantes do mundo líquido. (PORFÍRIO FILHO, 2019 p. 23)

Aquilo que é líquido não se caracteriza por fixar-se ao espaço, não se prende no tempo, possui grande mobilidade e capacidade de mudança; suas formas em contraponto ao que é sólido, são as mais variáveis possíveis, e mesmo estas não são estabelecidas de forma fácil. A liquidez expressa por Bauman, caracteriza a natureza das estruturas sociais presentes na modernidade líquida, onde de acordo com Porfírio Filho (2019 p. 43) “os atributos dos líquidos são facilmente percebidos na nossa organização social. ”

Para Bauman (2007) a sociedade “líquido-moderna” é uma que as condições às quais os sujeitos agem se modificam de modo muito rápido, em um tempo muito curto, de forma que se torna cada vez mais difícil a consolidação de hábitos, rotinas, formas de pensar, modos de agir.

O termo liquidez é então expresso como um demonstrativo à forma como estão presentes essas ambivalências e contradições. As mudanças acontecem de forma repentina, a velocidade em que estas ocorrem é perceptível e inconstante. O conjunto de tradições, orientações, mitos que antes serviam e se apresentavam como um caminho trilhado para os sujeitos vai então perdendo sua relevância em uma sociedade cada vez mais líquida.

A modernidade, como expressa Porfírio Filho (2019), ainda segue aspectos presentes de seu surgimento, havendo a substituição, destruição, inovação que sempre foram vigentes à época. Contudo, na modernidade sólida, estas inovações e modificações se expressavam em sociedade de modo lento. E o que se apresenta

cada vez mais em sociedade na modernidade líquida é o incremento exponencial na velocidade em que ocorrem as transformações, a destruição e substituição ou não-substituição das estruturas. Sobre esse processo, Porfírio Filho salienta que:

Não precisamos de muito esforço para notar que as crises sempre estiveram presentes na história da humanidade. Elas não representam, necessária e exclusivamente, declínio, retrocesso e dificuldades, mas trazem consigo também aspectos de metamorfoses e transformações. Os momentos de mudanças bruscas e súbitas fazem parte, em maior ou menor medida, das trajetórias individuais de cada ser, bem como dos rearranjos periódicos das organizações sociais. Eles trazem consigo novos parâmetros e diferentes dinâmicas para a vida dos sujeitos, assim como para o funcionamento das coletividades. Entretanto, na modernidade líquida as crises deixaram de ser eventos passageiros, modificando assim uma das suas principais características. Elas se tornaram parte constitutiva da lógica de funcionamento do mundo líquido e se instalaram de forma permanente na vida dos seres humanos. (PORFÍRIO FILHO, 2019 p. 23)

No mundo contemporâneo, a rapidez é necessária e não se pode ficar parada. A existência líquido-moderna em contraponto à rigidez sólida de antes, apresenta-se como o que Porfírio Filho (2019) caracteriza como “uma existência marcada pela precariedade, vivida em condições de incerteza constante e mudanças rápidas” (p. 42). E onde, de acordo com Bauman (2007, p. 7): “A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo”.

Em “A vida líquida”, Bauman (2007) expressa que nesse contexto onde se estabelece a modernidade líquida, existe a pressão para que os sujeitos continuem sempre em movimento, mesmo que se sintam atordoados pelo grande número de possibilidades a qual sempre se apresentam em sua vivência, mesmo que se sintam perdidos.

A vida numa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada. Deve modernizar-se (leia-se: ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassaram a data de vencimento e desmantelamento, repelindo as identidades que atualmente estão sendo montadas e assumidas) ou perecer. Cutucada pelo horror da expiração, a vida na sociedade líquido-moderna não precisa mais ser empurrada pelas maravilhas imaginadas no ponto final dos trabalhos modernizantes. A necessidade aqui é de correr com todas as forças para permanecer no mesmo lugar, longe da lata de lixo que constitui o destino dos retardatários. (BAUMAN, 2007, p. 9-10)

Esta pressão de mudança se expressa assim com o que Bauman (2007) descreve como uma “Destruição Criativa”, sendo esta criatividade voltada à

construção e destruição constante de modos de vida, reforçando a competitividade como uma forma de estar sempre à frente dos acontecimentos, atualizando-se constantemente de tudo o que está presente, modificando-se e modernizando-se. Estes aspectos se apresentam de modo que:

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. E com a competição se tornando global a corrida agora se dá numa pista também global. (BAUMAN, 2007, p. 10)

O grande número de acontecimentos a que se tem acesso, a enorme quantidade de possibilidades a qual esse mundo está cheio, Bauman expressa como uma “mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos.” (BAUMAN, 2001, p. 62)

O aspecto consumista da sociedade moderna se torna então cada vez mais evidente, onde o capitalismo exerce sua mão sobre os mais diversos campos, com a finalidade de se manter-se sempre a par com seus semelhantes, de modo que devem continuar a consumir, no entanto, esse consumo não se apresenta de forma totalmente benigna ou suave.

Impõem-se, então, de modo perceptível, um contraponto ao que antes se apresentava em uma modernidade sólida, onde a rigidez presente em sociedade poderia chegar ao ponto de cercear a liberdade e extrapolar-se ao campo da opressão. Em uma sociedade líquido-moderna, a infelicidade pode se expressar sob a presença de um excesso de possibilidades, que deixa o sujeito sem rumo e à deriva, e que o assombra. O consumismo é uma das formas que isso se apresenta notavelmente. Bauman de forma análoga expressa que:

Os comensais são consumidores, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha. “Será que utilizei os meios à minha disposição da melhor maneira possível?” é a pergunta que mais assombra e causa insônia ao consumidor. (BAUMAN, 1997/1998, p. 62)

Em seu trabalho, Bauman expressa como uma das formas as quais é possível visualizar estes aspectos caracterizados pela liquidez, é a fragilização dos vínculos afetivos e relacionais.

Dentro do espaço da visão moderna, as alusões feitas em correspondência à espaços e relacionamentos eram feitas utilizando-se de expressões e ênfases no aspecto da fisicalidade e proximidade, como destaca Silva e Carvalho, de modo que:

[...] O conflito era cara a cara, o combate corpo a corpo; a justiça era olho por olho, dente por dente; a discussão encarniçada, a solidariedade ombro a ombro, a comunidade face a face, a amizade de braço dado e a mudança passo a passo. Essa situação mudou enormemente com o avanço dos meios que permitiram afastar os conflitos, solidariedades, combates, debates e a administração da justiça para além do alcance do olho ou do braço humano. (SILVA; CARVALHO, 2014, p.11).

Já no espaço da sociedade líquido-moderna, a potência, possibilidade, distância e rapidez se tornaram aspectos fundamentais, estabelecendo então um parâmetro que não é mais pautado principalmente pelo que Silva e Carvalho (2014) caracteriza pela proximidade e contato sensorial imediato. A relação com o outro se torna mais distante, se o vínculo se estabelece a partir da relação e proximidade com o outro, então este aspecto se torna mais prejudicado pela extensão da distância.

A tecnologia se estabelece como um mediador para as relações na sociedade líquida, porém se faz necessário o questionamento sobre qual o papel que as relações virtuais têm no meio social. Sobre como a virtualização das relações se apresenta como mais uma forma da liquidez presente na sociedade se estabelecer nos mais demasiados campos da vida dos sujeitos.

As relações virtuais se estabelecem a partir da compressão do espaço e do tempo, encurta as fronteiras e limites antes estabelecidos e em efeito disso atualiza tudo para que ocorra de modo rápido, em uma velocidade que faz com que tudo aconteça em qualquer lugar a qualquer momento. A imediatividade que se apresenta na sociedade líquida através do consumismo, das mudanças, também se apresenta então nas relações sociais daqueles que vivem sob o manto da virtualização, que nadam no rio virtual de possibilidades infinitas.

Deste modo é possível identificar a intensificação da presença do virtual mediando as relações sociais entre os sujeitos. Todo o contexto social da modernidade líquida se apresenta propício a essa intensificação, seja pela busca por mais possibilidades e por mudanças, seja de modo adaptativo a situações extenuantes e extraordinárias como ocorreu durante o contexto da pandemia da Covid-19.

5.2 O mal-estar a partir de Freud

Em “O mal-estar na civilização” Sigmund Freud (1930/2011) realiza uma análise a fim de procurar a origem da infelicidade dos seres humanos em sociedade, fazendo ligação desta com sua teoria psicanalítica. A partir daí, introduz conceitos que até hoje se mostram relevantes como: o mal-estar, a pulsão e o recalque. O autor apresenta as origens do sentimento de mal-estar onde, ao se constituir o que chama de “civilização”, os homens estabeleceram feitos estruturais e as mais diferentes formas que os diferenciam da vida dita “selvagem”.

Freud (1930/2011) nos diz que a própria presença do homem em civilização é uma das origens de seu mal-estar, já que para que possa viver em meio a essas estruturas que proporcionam segurança, é preciso que sacrifique a expressão de seus impulsos mais violentos, e isto gera o mal-estar.

Mal-estar este que também está relacionado à contradizente relação entre os próprios homens e a vida em sociedade. Sobre isso, Freud (1930/2011) destaca que, a partir do contato com o outro, há também a possibilidade da presença do mal-estar, pois o outro também possui desejos, os quais tem de cercear para manter-se civilizado.

Este cerceamento é para Freud uma das origens da infelicidade humana, como afirma em seu trabalho:

Até agora, nossa investigação sobre a felicidade não nos ensinou muita coisa que já não fosse conhecida. E se lhe dermos prosseguimento, perguntando por que é tão difícil para os homens serem felizes, a perspectiva de aprender algo novo também não parece grande. Já demos a resposta, ao indicar as três fontes de onde vem o nosso sofrer: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. (FREUD, 1930/2011, p. 29)

Para Freud, o homem tem de viver com o reconhecimento inevitável da finitude de sua vida, de que seu corpo é falível e que não poderá ter total controle sobre o mesmo e sobre a natureza em que vive e que o que constrói. De certa forma, por mais duradouro que seja, seu corpo é finito, transitório e limitado.

Entretanto, é esse reconhecimento de finitude que o mantém em movimento, expresso pelo autor como: “tal conhecimento não produz um efeito paralisante; pelo contrário, ele mostra à nossa atividade a direção que deve tomar. Se não podemos

abolir todo o sofrer, podemos abolir parte dele, e mitigar outra parte. ” (FREUD 1930/2011 p.29).

No entanto, a admissão de que as próprias instituições, nossa própria civilização se apresenta como uma falha à tentativa de evitar o sofrimento, é mais difícil. Como fonte de prevenção ao sofrimento, a civilização se apresenta como uma tentativa falha, expressando que:

Começando a nos ocupar dessa possibilidade, deparamos com uma afirmação tão espantosa que é preciso nos determos nela. Ela diz que boa parte da culpa por nossa miséria vem do que é chamado de nossa civilização; seríamos bem mais felizes se a abandonássemos e retrocedêssemos a condições primitivas. A asserção me parece espantosa porque é fato estabelecido — como quer que se defina o conceito de civilização — que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização. (FREUD, 1930/2011 p.30)

O autor prossegue ainda retomando o significado do termo civilização. Para ele, a palavra “civilização” aponta a plena soma das realizações e instituições que distanciam a vida dos sujeitos daquela outrora vivida pelos seus antepassados animais, que sustentavam duas finalidades: a primeira delas seria a proteção do homem contra a natureza, e a segunda seria o enquadramento dos vínculos dos homens entre si (FREUD, 1930/2011)

A civilização seria, portanto, todas as atividades e valores que são úteis para o sujeito, ou seja, a natureza em si é tomada por ele, colocando-a como objeto que vai protegê-lo dos fenômenos naturais. Ao afirmar isso, Freud toma como exemplo os primeiros atos culturais que foram utilizados como ferramentas para controlar o fogo e construir moradias. A partir de então, o homem foi aperfeiçoando esses instrumentos para uso e sobrevivência própria, excluindo as dificuldades para o alcance do desempenho deles. Nas palavras dele:

Os motores lhe colocam à disposição imensas energias, que tal como seus músculos ele pode empregar em qualquer direção; os navios e os aviões não deixam que a água e o ar lhe impeçam a movimentação. Com os óculos ele corrige as falhas da lente de seu olho, com o telescópio enxerga a enormes distâncias (FREUD, 1930/2011, p. 33).

Segundo Moreira (2005), no “Mal-estar na Civilização”, Freud mostra que o ser humano se esforça na obtenção de alguma felicidade, a qual consegue através das experiências de sensações de prazer, visando eliminar o sofrimento. Neste sentido, afirma que o grande projeto na vida do homem está em fugir do sentimento de desprazer e, portanto, de conciliar o princípio do prazer com o princípio da realidade.

Para isso, faz-se necessário a renúncia pulsional, como afirma Silva ao se referir ao aparelho psíquico (ibid, 2012, p.11), “na verdade, Freud descreve a construção de um aparelho psíquico através de princípios que não podem funcionar perfeitamente, exatamente por serem princípios e como tais, um forçamento”.

Sobre isso, Silva (2012) destaca a função do princípio do prazer teorizada por Freud (1930/2011) como não sendo a de perceber o mundo exterior, mas a da percepção de seus “signos indicativos” (p. 10), as quais se apresentam a partir da consolidação de uma rede de relações. Deste modo, com a presença destes signos, “a excitação contida, adiada, modelada, pode ser adequadamente liberada”. (p. 10)

De acordo com Moreira (2005), o “Mal-estar na civilização” pode ser considerado como “um índice da herança pessimista de Schopenhauer” (p. 288), pois revela o encontro sempre faltoso entre o sujeito e o outro em uma dimensão trágica das relações humanas:

Apesar de Freud não se dedicar explicitamente ao tema da alteridade, podemos depreender da leitura de “O mal-estar na civilização” que o outro é o inferno porque não permite a total devoração pelo eu. E, em uma luta titânica, um deseja reduzir o outro ao mesmo, sem conseguir alcançar seu intento. Nesse combate cada um carrega em si as marcas de uma história, bem como determinadas cenas são registradas no inconsciente, no outro que habita o sujeito e que o mesmo desconhece (MOREIRA, 2005, p. 289).

Tal dificuldade no relacionamento com o outro, para Silva (2012), demonstra como a sociedade como projeto falha, fracassando na tarefa de evitar a infelicidade do homem. Para lidar com esse fracasso, tornam-se presentes formas regulatórias cada vez mais perceptíveis que visam o regulamento, de modo a tornar mais harmônica a vida em sociedade. A civilização, desta maneira, coloca-se como um modelo falho, já que não apresenta ao homem a resposta que apazigue, de uma vez por todas, suas dores e infelicidades.

Para Freud (1930/2011) os progressos que são apresentados ao longo do tempo na civilização não são acompanhados de um maior grau de felicidade relativos aos sujeitos anteriores. Salienta que, de mesmo modo que alguns progressos trazem consequências consideradas positivas, outros trazem consequências negativas:

Uma vez que o homem não é naturalmente orientado, algo é sentido como perdido, mesmo que nunca tenha sido alcançado. A cultura, enquanto mediação simbólica, configura o problema que não pode, na verdade, ser superado, mas para o qual ela é insistentemente convocada a apresentar respostas. Essas respostas, sempre insuficientes e provisórias, variam ao

longo do tempo e espaço, embora a condição de mal-estar permaneça. (SILVA, 2012. p. 13)

Segundo Silva (2012) a proposta escrita por Freud no “Mal-estar na civilização”, ao ser considerada em sua totalidade, não se trata de questões de proibições ou permissões, mas de uma impossibilidade. A presença dessas impossibilidades já seria uma tentativa de circunscrever, na civilização, suas próprias falhas estruturais, de dar contorno a elas e às coisas que a caracterizam.

Um texto freudiano que dialoga diretamente com “O mal-estar na civilização” está intitulado como “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (FREUD, 1908/1996). Para Fuks e Rudge (2018), trata-se do primeiro texto de Freud que trouxe à tona a questão da cultura. As autoras salientam que este texto, ao falar sobre o sofrimento psíquico do homem moderno, fala sobre os obstáculos históricos da civilização à sexualidade. Nele, Freud afirma que a doença moderna seria um resultado da repressão da pulsão sexual, a qual seria a responsável pela formação dos sintomas neuróticos. Os sintomas neuróticos, nesse sentido, seriam fruto das limitações sexuais impostas pela sociedade: “(...) a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos civilizados através da moral sexual civilizada que os rege” (ibid, p. 172).

Para poder viver em civilização, o homem renuncia da satisfação imediata de suas pulsões e, em troca disso, a civilização lhe apresenta satisfações que poderiam, de certa forma, substituí-las. Nessa direção, pode-se partir à análise de que a presença da infelicidade humana seria devido às falhas na civilização em oferecer a recompensa à renúncia das pulsões mais primitivas do homem. No entanto, para Silva (2012), mesmo ao ser apresentada essa recompensa, a satisfação de modo completo insiste em não se apresentar: o estado de insatisfação é inerente ao humano e a sua vida em civilização. Nessa perspectiva, Fuks e Rudge, afirmam que é por esse motivo que:

[...] o sintoma deve ser também considerado uma ação de protesto contra a ação de coerção civilizatória. As metáforas bélicas e disciplinares utilizadas por Freud para esclarecer o mecanismo da neurose - defesa, resistência, freio, recalque, censura etc., revelam o estado de tensão que o psicanalista concebe como permanente entre o sujeito e o Outro da cultura (FUKS e RUDGE, 2018, p. 4) .

Sobre o mal-estar, Silva (2012) ainda afirma que este é, de certa forma, inerente à civilização em si, pois quaisquer que sejam seus avanços, este ainda se

faz presente. Deste modo, a função da civilização seria a de procurar constantemente por jeitos de contornar este mal-estar. Desta maneira, cada civilização tentaria modos de lidar com o mal-estar inerente à sua própria estruturação enquanto civilização. O mal-estar abordado por Freud está relacionado com uma condição inerente à vivência em civilização, isto é, por mais que a civilização possa mudar, o mal-estar ainda vai se apresentar, seja pelas suas mais diferentes formas de expressão.

Dito isso, ao longo do tempo, novas formas de expressão do mal-estar podem se apresentar, pois estas estão ligadas diretamente ao movimento e as modificações que acontecem na civilização. A sociedade que Freud analisou no século XX expressava o mal-estar produto de sua época. Na contemporaneidade, o mal-estar se expressa de variadas maneiras, no entanto, suas reflexões acerca do mesmo ainda podem ser consideradas atuais, úteis e fundamentais para a clínica e para a análise de nossa sociedade.

Diante do exposto, como se apresenta o mal-estar na contemporaneidade considerando as relações virtuais e a sociedade líquida? Transpondo especificamente para o contexto educacional, em particular para a relação entre docente e discente, quais os efeitos da virtualização no mal-estar desses sujeitos?

5.3 Os efeitos das relações virtuais na relação docente e discente

A relação entre docente e discente, para Carvalho e Vasques (2016), é considerada como relevante e alvo de estudo e discussão. Esse interesse é perpassado por diversas linhas de pensamento, incluindo, pela via psicanalítica. Os autores analisam o estabelecimento desta relação, observando possíveis mudanças na dinâmica do professor/aluno no processo de ensino-aprendizagem. Partem do princípio de que o docente é um sujeito, com a atribuição profissional de educar e facilitar o processo de aprendizado junto ao seu aluno. Envolto em um campo de mudanças, ele deve estar primeiro em constante atualização acerca de suas relações, seja com o saber a ser adquirido, o espaço institucional com suas vivências, regras e detalhes específicos.

Deste modo, o cenário em que o educador e educando devem constituir sua relação, de acordo com Carvalho e Vasques (2016), devem ser entendidos de modo a apontar problemáticas na relação professor-aluno, já que se pode considerar que a relação que os sujeitos estabelecem em relação à instituição, aos professores e com

seus pares foram se modificando ao longo do tempo. Afirmam que os sujeitos/alunos do século XXI mudaram muito em relação aos que viveram no contexto do século XX, notando especialmente que, atualmente, os fatores emocionais e psicológicos estão no epicentro dos problemas considerados relevantes deste século.

Isto posto, é importante ressaltar alguns conceitos fundamentais do pensamento psicanalítico para que seja possível discutir como tem acontecido esta relação, suas mudanças na contemporaneidade e os efeitos dela no laço social entre discente e docente. Neste contexto, destacam-se os conceitos referentes à transferência e ao mecanismo da sublimação. Por mais que mudanças possam ter ocorrido e o contexto social tenha mudado desde o Século XX, as concepções trabalhadas e transmitidas por Freud em sua obra são importantes e construtivas para a análise das relações humanas.

A transferência, um dos conceitos fundamentais da psicanálise, pode segundo Carvalho e Vasques (2016), contribuir com a compreensão desta relação. A educação como um todo é importante para desenvolvimento humano e a relação docente/discente abrange, em seu escopo, interesses e intenções específicos, pois se utiliza do desejo presente na relação de ensino/aprendizagem, aspecto esse que move o estabelecimento do laço na possibilidade de transmissão de conhecimento.

Freud (1912/1996) afirma que a transferência poderia ser observada, de um modo geral, como um fenômeno que se estabelece em diversas relações no decorrer da vida entre os sujeitos, não se restringindo, portanto, ao cenário da análise. O autor conceitua a transferência, no contexto do tratamento analítico, como a atualização de experiências e relações psíquicas dirigidas à figura do analista. Nas palavras de Freud:

[...] são reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Ou, para dizê-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico. (FREUD, 1905/1996, p. 98).

A transferência é uma constante que se apresenta em todas as relações, sejam de hierarquia, profissão, amorosas ou de inimizade. Ela se caracteriza fundamentalmente como uma reedição das vivências psíquicas, que são atualizadas na relação com o outro, seja este um desconhecido, o analista ou o professor.

Para Ribeiro (2014), a transferência seria de sentidos e representações que, ao serem apresentadas ao contexto escolar, são reeditadas, de modo presente em relação às fantasias e marcações pulsionais dos primeiros anos e das relações estabelecidas anteriormente, como as parentais. Relações estas consideradas determinantes para o sujeito em sua constituição e vivência.

Na escola, portanto, o professor, a exemplo do analista, e independentemente de sua ação, pode despertar afetos no aluno para além daquilo a que ele próprio tem noção conscientemente. O mesmo pode acontecer ao professor, por parte do aluno. Porque esse fenômeno pode se estabelecer nesses dois sentidos – numa via de mão única – (transferência e contratransferência). (RIBEIRO, 2014. p. 4)

Deste modo, ao considerar a transferência, Ribeiro (2014) analisa a presença de simpatias ou antipatias presentes na relação aluno-professor, que pouco tem a ver diretamente com o processo de aprendizado e seu conteúdo, relacionando a figura do educador e o que ele propõe à sentimentos que anteriormente eram relacionados à figuras familiares ou próximas, como pais e irmãos. Sobre transferência, Ribeiro (2014, p. 3) expressa que: “O indivíduo não rememora nada do que esqueceu e recalcou (reprimiu), mas o expressa pela atuação, ou seja, na transferência experiências psicológicas são revigoradas não como pertencentes ao passado, mas como fatos atuais”.

Em “O mal-estar na Civilização”, Freud (1930/2011) apresenta a sublimação como uma técnica de afastamento do sofrimento, caracterizada como uma forma de deslocamento pelo aparelho psíquico da libido, ganhando, desse modo, uma maior flexibilização. Sobre a sublimação, destaca que esse processo consiste em deslocar a meta dos instintos, evitando a frustração partida do mundo externo. A sublimação apresenta-se de forma mais efetiva quando o sujeito consegue obter ganhos a partir desse deslocamento a fontes de prazer alternativas apresentadas pela civilização, como o trabalho artístico ou intelectual. Sobre a sublimação e a educação, Guimarães destaca que:

Freud enfatiza que a sublimação é a capacidade de deslocamento da pulsão para fins não sexuais. Para pensarmos a contribuição da educação na contenção dos impulsos agressivos e ao mesmo tempo na produção da investigação intelectual, visando a laços de solidariedade entre cidadãos autônomos, acompanhando os passos de Freud, não podemos deixar de considerar os impulsos sexuais e agressivos de seus componentes, muito menos, deixar de levar em conta a sublimação como um dos destinos possíveis das pulsões. (GUIMARÃES, 2011, p. 5).

O campo da psicanálise e suas atribuições e conceitos contribuem, de acordo com Carvalho e Vasques (2016), para com que uma nova rota seja trilhada sobre a análise do trabalho do ensino/aprendizado e a relação entre professor e aluno. Entende-se por necessário, então, a recepção destes novos conceitos da psicanálise e das mais diversas áreas afins, de modo a contribuir para novos conhecimentos acerca do que perpassa a condição de ser e do sofrer presente no meio acadêmico, do ser e do sofrer docente/discente. Para Porfírio Filho (2011), a figura que o professor deve representar em seu trabalho deve ser a do “animador do saber”, aquele que percorre em conjunto com o aluno a direção ao saber e à análise de forma crítica do que ensina e do próprio saber. Segundo Porfírio Filho esse professor:

É aquele que sabe que é preciso se conhecer como humano. É aquele que não faz surgir respostas para os problemas, mas as problemáticas, suas relações, as interdependências, as totalidades. É aquele que se faz autônomo no saber, mas dependente da necessidade de saber “junto” com o outro; que faz crescer as incertezas sobre as instituições, os indivíduos e que provoca a si mesmo, interrogando-se sobre outras possibilidades. O professor animador revela ao aluno não o conhecido, mas aponta para o desconhecido. (PORFÍRIO FILHO, 2011, p. 14)

Essa visão pode ser considerada de forma complementar a análise psicanalítica de Freud da relação entre educador e educando. Guimarães em seu trabalho destaca que:

Em *Algumas Reflexões Sobre a Psicologia do Escolar* (FREUD, 1914/1995), encontramos a ênfase dada por Freud à importância da relação professor-aluno como uma relação que ultrapassa a transmissão do conhecimento, vindo a constituir-se num espaço psíquico que possibilita a construção do papel de adulto a ser assumido pelo jovem. Freud, ainda nesse mesmo texto, escreve sobre a especificidade dessa relação na qual o professor é alvo de sentimentos ambivalentes e intensos, e na qual a transferência se faz presente. (GUIMARÃES, 2011, p. 9).

O espaço onde se perpassa e é estabelecido o vínculo entre os sujeitos envolvidos na relação docente e discente deve ser considerado, pois este espaço pode apresentar características específicas que proporcionam influência negativas ou positivas nos sujeitos, seja em relação ao ambiente ou em relação com o outro que também o compartilha. O espaço físico da sala de aula propõe-se como um ponto comum a todos os agentes que fazem parte do campo social da instituição de ensino, e a partir da relação com este campo que os sujeitos aprendem suas regras, o que funciona ou não em determinado contexto. Sobre a importância do espaço escolar como constitutivo, Guimarães aponta que:

Vemos, assim, como a escola e o professor, na visão de Freud, possuem importância na constituição subjetiva de seus alunos. A escola deve se colocar como um espaço para se experimentar a convivência com o outro, o diferente de si, onde se possa sonhar, falar, pensar e, ao mesmo tempo, experimentar limites. É importante que continuem surgindo novas propostas e novos projetos na educação. Os projetos são importantes para colocarmos em movimento o desejo. Porém, é fundamental que, nestes projetos, se considere não apenas o plano da consciência, mas também a dimensão inconsciente e a força das pulsões. (GUIMARÃES, 2011, p.10)

A diferenciação entre o espaço físico da instituição e a forma virtual de promoção do ensino pode ser pensada, onde a sala de aula nesse contexto, é um espaço que tem sua devida importância no estabelecimento do vínculo, ou seja, o mesmo representa fisicamente a instituição de ensino e os detalhes estruturais, os quais têm sua influência, seja na relação dos discentes e docentes com a instituição, com seus pares e com seus professores. Sobre o avanço do espaço tomado pelas tecnologias da informação no contexto social, Porfírio Filho expressa:

As mudanças e os fenômenos ocasionados pelo processo de informatização intensificam o processo de globalização e atingem os diversos níveis da sociedade, produzindo várias alterações, desde os sistemas econômicos, comportamentos, modo de consumo até a percepção do mundo e da realidade e, principalmente, o modo de conhecer e aprender. (PORFÍRIO FILHO, 2011, p. 2)

No entanto, a extensão física da relação entre discente e docente ainda se faz presente e possui um importante aspecto no estabelecimento da transferência e na construção do vínculo, a presença do outro não pode ser desconsiderada, pois é a partir dessa presença e deste contato que a transferência ocorre. A relação estabelecida a partir do campo virtual é perpassada pela barreira da distância entre os sujeitos, além da estranheza de tentar relacionar-se com o outro por meio de dispositivos e tecnologias mais diversas. Para Porfírio Filho (2011), o processo de ensino à distância se estabelece através de uma dialética e também possui seus percalços os quais devem ser superados, destacando que:

Crê-se que os desafios para a Educação a Distância se colocam em três instâncias: I) no processo ensino-aprendizagem, enquanto escolha de recursos, planejamento e sistematização de metodologias e de didáticas; II) no professor como profissional que exerce a ligação da primeira à última instância; e III) no aluno como sujeito de toda ação da Educação a Distância. (PORFÍRIO FILHO, 2011, p. 9)

Soma-se a isso, dificuldades novas decorrentes da adaptação à uma tecnologia relativamente recente como a internet. Sobre essa adaptação, Porfírio Filho (2011) destaca que tecnologias diferentes em contexto diferentes exigem comportamentos e

organização mais específicos para que haja o bom funcionamento e o bom uso das potencialidades. Citando como exemplo:

[...] um aluno, ao se reunir em uma sala de aula junto a outros alunos para assistir a uma videoaula coordenada por um tutor, requer um comportamento social do aluno diferenciado daquele que, em um quarto isolado, o aluno acessa salas virtuais. (PORFÍRIO FILHO, 2011. p. 12)

Bauman (2007) descreve que uma das formas a partir da qual é possível visualizar a fragilização dos vínculos são as relações virtuais. Segundo Silva e Carvalho (2014), o autor pontua que em tal forma vincular é estabelecido um novo parâmetro ético que não é pautado pela proximidade e contato sensorial imediato em relação ao outro. Explica que, se a construção da moralidade é implicada pela proximidade da relação com o outro, isto fica prejudicado quando são investigadas as trocas simbólicas realizadas na realidade virtual.

Em outras palavras, quanto mais distante estiver o outro, maior a dificuldade de estabelecimento do vínculo, chegando até à situação em que as possibilidades de trocas e formas relacionais mais específicas se tornam praticamente impossíveis. Dessa forma, de acordo com Silva e Carvalho (2014), nos tempos atuais, através do desenvolvimento de novas tecnologias, construímos formas de diminuir a distância entre as pessoas, facilitando o acesso e contato de uns com os outros, mas esta ainda permanece.

O espaço de educação remoto, é deslocado de sua posição física originária e realocado a partir da virtualização e segundo Lévy (1996) elevado a um potencial, desprendendo-se do espaço físico da instituição e do tempo reservado a percorrer pela mesma e vivê-la. Para Porfírio Filho (2011), nesse modelo, a educação a distância é requerida da compreensão processual do ensino, onde esta forma deve transpor a distância e trazer proximidade ao aluno através de sua autonomia, em um espaço de colaboração e participação. Isso é possível a partir do conhecimento das características sociais, culturais, vivenciais e das demandas que são apresentadas durante o processo. Demandas essas que podem, ao ser consideradas sob o emprego de conceitos psicanalíticos, serem identificadas como atualizações e reedições, identificadas como processos transferenciais presentes dentro do espaço e do vínculo discente/docente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se, no contexto pandêmico recente, a emergência de uma forma adaptativa para mediar as relações, que foram as tecnologias, as quais surgiram a partir de esforços do homem para a continuidade das atividades humanas em formato remoto. Uma delas ligou-se às atividades de ensino, no âmbito educacional.

Houve, a partir dessa necessidade de adaptação, a presença do intermédio constante da tecnologia como uma tentativa da civilização em proporcionar uma alternativa a processos antes estabelecidos e agora ameaçados pela presença de um vírus, de um aspecto da força da natureza, que se apresentou como um empecilho à continuidade humana, uma força externa a qual o homem não teve controle.

Deste modo, a pandemia trouxe à tona, de forma rude, a falha da civilização na proteção dos homens, o que acarretou consequências na economia pulsional. Se, para Freud, o mal-estar é resultado de uma renúncia pulsional necessária para viver em civilização, como se apresentou esse mal-estar nas relações virtuais na educação, especialmente na relação professor-aluno?

Percebe-se que a pandemia gerou efeitos no laço social não somente por conta do isolamento, mas também pelo fato das relações passarem a ser mediadas, cada vez mais, pelas tecnologias. Verificou-se que a intensificação dessas relações afetara a relação transferencial entre o docente e o discente, que se tornaram mais líquidas, diluídas pelos aplicativos de reuniões, salas de aula virtuais, onde, por exemplo, a figura do professor acaba sendo substituída pela tela do computador e, os alunos, por sua vez, são restringidos ao “quadrado” que lhes são destinados nessas salas.

A adaptação ao espaço virtual, ao se apresentar como resposta a um sintoma presente em civilização, e por conta de sua falha em evitar um acontecimento catastrófico, acabou provocando uma certa dificuldade no que tange à realização de atividades antes estabelecidas. O sujeito, que antes tinha a partir de suas vivências e ferramentas psíquicas, estabelecido a possibilidade de sublimação com relação a atividades que foram impactadas pela pandemia, como as atividades intelectuais de cunho acadêmico e de pesquisa, confronta-se, então, com a necessidade de adaptar-se a um contexto social diferente. Essa adaptação que, seguindo o compasso pós-moderno de mudanças velozes, deve ser imposta de forma rápida em uma realidade, como destaca Porfírio Filho (2011) e Bauman (2007), de um mundo líquido, onde

dentro deste tudo muda, onde o panorama segue socialmente em constante transformação. Isso pode ser identificado também como uma fonte de mal-estar.

A pandemia, de maneira geral, coloca em perspectiva ao homem sua mortalidade e a mortalidade de seus pares, assim como evidencia e obriga os sujeitos a novamente reconhecer que não têm controle total sobre seu corpo, a natureza e o mundo em que vive, o que também é uma fonte de mal-estar (FREUD, 1930/1996).

Através da psicanálise, podemos ter a dimensão da complexidade inerente aos relacionamentos humanos e de como é difícil ao homem alcançar a felicidade. Tal objetivo é impossível de ser alcançado plenamente pelo homem, em função de sua própria estrutura, desdobrando-se daí um desconforto sempre presente, o mal-estar. (GUIMARÃES, 2011 p.10)

A contradição presente na pandemia entre a necessidade de evitar o contato com o outro para não surgir o adoecimento, e o sofrimento e a necessidade do contato com o outro para continuar com sua vida e seu trabalho para não adoecer, deve ser considerada. De acordo com Guimarães (2011), Freud, ao trabalhar com o conceito de mal-estar, aponta a ambivalência presente e que não se pode evitar entre a imposição que a presença do outro traz à nossa vida e sobre nossos desejos. Com relação a esse ponto, a autora destaca que o relacionamento entre os seres humanos é fonte de prazeres e sofrimentos. No entanto, sem o relacionamento com o outro, não é possível se tornar humano, tal como afirma: “ É por este outro nos amar, nos falar e nos olhar que passamos a existir enquanto sujeitos humanos. ” (GUIMARÃES, 2011. p. 10)

Assim, as características de nossa sociedade atual, trazidas por Bauman, dizem respeito a novas formas de manejo social do mal-estar inerente à civilização, a singularidades dos laços sociais agenciados por nossa cultura. Em seu trabalho sobre o mal-estar na civilização, Freud afirma que há algo da própria estrutura da civilização que é insistentemente resistente aos nossos esforços de construção do bem comum. Sendo assim, os apontamentos de Bauman (2007) com relação ao contexto social da civilização humana atual, e o estado de seus vínculos, pode ser entendido, a partir de Freud (1930/1996), a maneira de como a civilização atual apresenta suas falhas. Entende-se que as ferramentas conceituais dispensadas por Freud (1930/1996), em seu trabalho “O mal-estar na civilização”, ainda se fazem atuais para a análise de aspectos do sofrimento que assola os sujeitos no século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANATEL, Agência nacional de Telecomunicações; **Panorama setorial de telecomunicações jul/2021**. 2021. Disponível em: https://sei.anatel.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?eEP-wqk1skrd8hSlk5Z3rN4EVg9uLJqrLYJw_9INcO4auDoDmV9nH0xiWDnAgKG--0rpBFDuVeNpbytaXOiKWx-pq5E5a6Yn2RPRJnyYAa6tnX-22DmO-rTik4fizFLG
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BEZERRA, Carina Bandeira *et al.* Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar. **Saúde e Sociedade** [online]. 2020, v. 29, n. 4 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>
- CARVALHO, Mônica de Aguiar; VASQUES, Letícia Veiga. A contribuição do conceito da transferência no saber docente aplicada à sua relação com o aluno do ensino fundamental I. In: 9º CONGRESSO PÓS-GRADUAÇÃO UNIS. 2016, Varginha - MG. Anais eletrônicos, Varginha: Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/426> Acesso em: 27 nov. 2022.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Brasília. Resolução n.º 10/05, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- FARO, André *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. Campinas: **Estudos de Psicologia** [online]. 2020, v. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>
- FUKS, Betty Bernardo e RUDGE, Ana Maria. Em torno da complexa articulação sujeito e cultura. São Paulo: **Psicologia USP** [online]. 2018, v. 29, n. 1 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160153> Acesso em: 21 Novembro 2022.
- FRANCA, Joseilton Batista. **Mal - estar na (pós) modernidade: apontamentos entre Bauman e Freud**. 2018. Dissertação (Licenciatura em Filosofia) - UFT, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2237/1/Joseilton%20Batista%20Franca%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>

FREUD, Sigmund. **Análise fragmentária de uma histeria**. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, VII. Rio de Janeiro: Imago. (1988).

FREUD, Sigmund. **Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1929). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do ego**. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 89-179.

GUIMARÃES, Marisa Siggelkow. A educação, a sublimação e os ideais. Rio de Janeiro: **Trivium**, v. 3, n. 1, p. 55-67, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912011000100007&lng=pt&nrm=iso. acesso em: 27 nov. 2022.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes; O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. Belo Horizonte: **Reverso**, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v38n71/v38n71a06.pdf>

LEVY, Elizabeth Samuel; MONTEIRO, Louise Freitas. **Internet e psicanálise: considerações sobre seus efeitos na forma de subjetivação da criança**. Belo Horizonte: Estudos de Psicanálise, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n52/n52a07.pdf>

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano "O mal-estar na civilização". Natal: **Estudos de Psicologia** [online]. 2005, v. 10, n. 2 Acesso em: 27 nov, 2022. p. 287-294. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200016>.

MOTA, Daniela Cristina Belchior. *et al.* Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 6 , pp. 2159-2170. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021266.44142020>

PACHIEGA, Michel Douglas; MILANI, Débora Raquel da Costa. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 220-234, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/download/18323/8712>

PORFÍRIO FILHO, Amarília. **Educação a distância: uma abordagem metodológica e didática a partir dos ambientes virtuais**. Belo Horizonte: Educação em Revista v.

27. n.02 p. 41-72. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000200004>

RAVASIO, Marcele Teixeira Homrich. Considerações sobre a pesquisa em psicanálise. In: XXI JORNADA DE PESQUISA, Salão do Conhecimento Unijuí, 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/articloe/view/7016/5782>

RIBEIRO, Márcen de Pádua. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. São Paulo: **Psicologia educacional**, n. 39, p. 23-30, dez. 2014 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2022.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15186148200400020008&lng=pt&nrm=iso

SILVA, Rafael Bianchi; CARVALHO, Alonso Bezerra de. Amizade e a virtualização das relações humanas na sociedade contemporânea: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. São Paulo: **Revista espaço acadêmico**. n° 153. Fev. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22749/12373>

SILVA, Magali Milene. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. São João del Rei: **Analytica**, v. 1, n. 1, p. 45-72, dez. 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 nov. 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; Unidade 2 - A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa 1. ed. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2009. p. 31-41 Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Minas Gerais: Fucamp. Vol. 20 Ed. 43. 2021 Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/2336/1441>

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui; HASHIMOTO, Francisco. A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte , v. 6, n. 2, p. 166-178, jul. 2013 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2022.